

História e Violência: o caso da Migração para Rondônia

Por Rogério Sávio Link*

Resumo:

Este texto trata sobre a relação entre história e violência, bem como também analisa um caso concreto: a migração de luteranos para Rondônia. Os migrantes que compõem a análise desta pesquisa formam um grupo etnicamente coeso. Eles são capixabas descendentes dos pomeranos que migraram para Rondônia na década de 1970.

Palavras-chave:

violência, história, migração, Rondônia, ambigüidade histórica.

A história e sua relação com a violência

A história é ambígua. Ela acontece em meio às incertezas, acertos, mudanças, catástrofes e continuidades. Na verdade, a história é o próprio desenrolar desses acontecimentos. A violência faz parte da história e, por isso, a historiografia não pode se negar a falar sobre ela.

Durante muitos anos a historiografia esteve centrada em narrativas de guerras e batalhas. Na historiografia mais recente acentua-se a relação entre história e sociologia e entre história e antropologia. Atualmente faz-se história social e história antropológica, na tentativa de escrever uma história integral do ser humano. A cotidianidade e a particularidade também entraram na dimensão da historiografia. Hoje, a historiografia é muito mais ampla e diversificada do que era há alguns anos atrás. Uma compreensão de história como essa não pode excluir de seu horizonte a

* O autor morou toda sua infância em Espigão do Oeste/RO. Graduiu-se na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo e, atualmente, faz pós-graduação em história da igreja, no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, também em São Leopoldo. Sua pesquisa concentra-se na história da igreja na Amazônia.

dimensão da violência. Uma história da vida privada, por exemplo, não pode deixar de destacar os abusos sexuais sofridos pelas mulheres e crianças.

A historiografia analisa uma dupla relação da violência: a violência *sofrida* (passiva) e a violência *gerada* (ativa) por um grupo social ou gênero. Um mesmo grupo social ou uma mesma pessoa sofre violência e gera violência. Não existe um grupo ou uma pessoa que possa ser identificado com o bem e outro com o mal. A vida é ambígua. Uma pessoa que é capaz de um ato de amor também é capaz de um ato de ódio. Uma pessoa que está sofrendo também está fazendo outras sofrerem. Nesse sentido, é tarefa da historiografia resgatar essa polaridade ambígua do ser humano e de suas construções culturais.

O caso da migração para Rondônia

A história das migrações para novas fronteiras agrícolas na Amazônia encerra em si a questão da violência. Como vimos acima, essa violência tem uma dimensão ativa e uma dimensão passiva. Além de sofrer violência, os migrantes geraram violência. Como forma de violência passiva, *destaca-se* a falta de infraestruturas básicas, como estradas, escolas e hospitais, bem como também a fome, as doenças, os acidentes na derrubada da mata e, também, assassinatos. Como forma de violência ativa, *destaca-se* a depredação da natureza (flora e fauna) e o conflito com indígenas.

Questões como falta de justiça, conflitos de terras, assassinatos, trabalho escravo, doenças e conflitos com indígenas também foram rotina em Rondônia. A falta de justiça foi o principal problema, prevalecendo a lei do mais forte. Geraldo Schach, primeiro pastor luterano que atuou em Rondônia, chega a afirmar que “os assassinatos praticamente causam tantas baixas como a própria malária”¹. Nota-se que quase todas as contendas que terminavam em morte estavam relacionadas a

¹ Relatório do Pastor Geraldo Schach em 13 de dezembro de 1974 (Arquivo da IECLB).

questões de terra. Assim, na fala dos migrantes, não faltam relatos de assassinatos. Chama atenção o uso da expressão “segurar a costela” ou “eu não tenho costela pra bala”². Nessas expressões, observa-se o medo e o receio que os migrantes têm dos pistoleiros, pois qualquer conflito sobre a posse das terras sempre era solucionado com arma de fogo. A posse da terra nunca é totalmente segura. A única coisa que a garante é a arma de fogo. Nesse sentido, cada colono procura ter uma arma dentro de casa. Mesmo que, muitas vezes, nem isso represente garantia. A título de resumo, veja o que o pastor Schach ressalta sobre a questão da justiça:

há certa indecisão e insegurança, pois há ocasiões em que surgem invasores que tomam a terra dos outros sem que seja feita justiça alguma. Nestes dois (...) anos em que conheço RO, sei de mais de cem mortes a sangue frio (assassinatos cruéis), geralmente com armas de fogo. A causa é sempre a mesma: terra.³

O uso da mão-de-obra escrava também esteve presente durante todo o processo de ocupação de Rondônia. Os grandes latifundiários aliciavam pessoas para trabalharem em suas terras derrubando a floresta com o objetivo de plantar capim que serviriam como pastagem para o gado. Quando chegavam lá, davam-se conta do que os esperava: pistoleiros com armas na mão. Se alguém conseguisse sair da fazenda, seja fugindo ou por que fora libertado, não recebia nada pelo seu serviço. Para exemplificar como isso se configurou num grande problema para os migrantes, arrola-se aqui um exemplo. Em 1989, portanto, vinte anos depois da chegada dos primeiros migrantes luteranos em Rondônia, 200 homens, fugindo da fazenda Peralta, às margens do rio Roosevelt, depois de conseguirem matar o capataz, chegaram na cidade de Espigão do Oeste. Até então haviam sido mantidos como escravos. Deveriam derrubar a mata e só receberiam seus honorários ao término do

² Cf. Entrevista com Martim Hollander, Hulda Jacob Braun e Cecília Braun, janeiro de 2001. Essas expressões referem-se ao fato de que os órgãos vitais estão protegidos pelas costelas. Geralmente é nessa região que as vítimas de homicídio ou de tentativas são alvejadas.

³ Relatório do Pastor Geraldo Schach em 13 de dezembro de 1974 (Arquivo da IECLB).

trabalho, mas, quando se aproximava a época do pagamento, eram ameaçados e chantageados ou até assassinados⁴.

As doenças, muito frequentes, também causavam verdadeiro flagelo entre os migrantes. As doenças mais frequentes são a malária, a hepatite, desidratação e a verminose (...). A malária tem índices acentuados apenas em certos lugares, como em Jarú, por exemplo, onde diariamente morre gente sem recurso algum. O governo enviou para lá uma enfermeira, a qual há dias viajou para a eternidade⁵, vítima da malária. Certamente já foram centenas as vítimas somente naquele lugarejo onde a população já é escassa. A hepatite, mais rara, é doença fatal que dificilmente perdoa⁶ alguém. A desidratação e verminose nas crianças ocorrem mais pela falta de orientação dos pais.⁷

A falta de estruturas para o tratamento de enfermidades foi sempre um agravante. Em Colorado do Oeste, em 1978, a equipe de trabalho da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) formada pelo pastor Oto Ramminger, pelo técnico agrícola Wilmar Luft e pela auxiliar de enfermagem Gerda Nied, organizou uma comissão de cidadãos para cobrar das autoridades responsáveis — prefeito, secretário estadual de saúde, secretário estadual do departamento de estradas e governador — soluções para os problemas de saúde da população local. A comissão escreveu cartas reivindicatórias, manteve contatos pessoais com o secretário estadual de saúde, mas somente conseguiu a construção de um posto de saúde, segundo atesta o relatório de atividades da equipe, insuficiente para atender a demanda local. Por ocasião de uma visita do governador ao município de Colorado, em 17 de maio de 1978, houve manifestação popular e o diretor do colégio local, Sr. Walfrido Leite de Souza, que participara das reuniões organizadas pela equipe de Colorado, proferiu um discurso, qualificado pela equipe como “caloroso e envolvente” e que teria provocado uma “intensa participação popular”. Todas essas manifestações provocaram imediata reação do governo. O Sr. Walfrido foi intimado e escoltado até Porto Velho, onde foi advertido “a fazer somente o que lhe competia”. Na região de

⁴ Cf. Francinete PERDIGÃO; Luiz BASSEGIO, *Migrantes amazônicos*, p. 126-130.

⁵ Essa expressão é empregada por Schach para dizer que ela faleceu.

⁶ Essa expressão quer dizer que uma pessoa que contraiu hepatite dificilmente melhorará.

⁷ Relatório do Pastor Geraldo Schach em 13 de dezembro de 1974 (Arquivo da IECLB).

Colorado, espalhou-se a notícia de que a equipe de obreiros da IECLB fora enquadrada na lei de Segurança Nacional. A equipe, insegura e incerta do que viria pela frente, pediu a presença do pastor presidente Karl Gottschald e do Coordenador das Novas Áreas de Colonização pastor Arteno Spellmeier. Esses, procurando interceder pelo povo de Colorado junto ao governador, foram advertidos no sentido de que a equipe não “promova mais manifestações”. Entre outras coisas, o governador também deixou claro para eles que “Colorado não é prioridade para seu governo”⁸.

Ao chegarem em Rondônia, os migrantes entraram em contato com os povos indígenas locais. Primeiramente, na região de Pimenta Bueno, Espigão do Oeste e Cacoal, o choque foi com os indígenas da família lingüística Tupi-Mondé (Suruí, Cinta Larga e Zoró). Conforme foram adentrando o território, encontraram outros povos. Na região de Ariquemes, o contato entre indígenas e migrantes foi violento. O pastor Walter Sass afirma sobre essa problemática:

tinha os Uru-eu-wau-wau; na época a gente não sabia que tribo era que atacava nas fronteiras do projeto do INCRA. As terras que o INCRA dava eram poucas e o pessoal ia sempre em frente. O pessoal ia avançando cada vez mais e adentrava em territórios indígenas.⁹

Resumidamente, as dificuldades e os perigos enfrentados pelos migrantes em Rondônia, ficam expressos em uma notícia que o pastor Schach publicou no *Jornal Evangélico* logo depois de sua chegada a Rondônia em 1972.

Há um mês atrás [novembro de 1972] duas crianças foram mortas por flechadas de índios. A mãe das crianças perdeu uma vista¹⁰, foi medicada e salvou-se. (...) No dia 27 de outubro, um temporal derrubou uma árvore sobre duas moças que levavam o almoço a seus familiares na mata. Nilda e Irma Seibel, 15 e 13 anos, respectivamente, [eram] filhas do Sr. Frederico Seibel, membro de nossa comunidade, chegados a dois meses do Espírito Santo. As duas garotas tiveram morte instantânea. O fato abalou toda a população

⁸ Cf. Relatório de acontecimentos que envolvem a equipe de trabalho da IECLB em Colorado/Ro no primeiro semestre de 1978 (Biblioteca da Escola Superior de Teologia).

⁹ Entrevista com Walter Sass, dezembro de 1999.

¹⁰ Ficou cega de um olho.

local. Já há dois meses atrás, mais dois homens foram mortos como vítimas de um derrubamento de árvores. Pernas quebradas pelo mesmo tipo de acidente, já não são mais novidade em nosso meio. Ainda há dias, um moço picado por uma cobra foi carregado por 50 km (...), delirando de febre.¹¹

Compromisso da historiografia com realidade ambígua

Retomamos, ao final, a dimensão de que a história acontece na ambigüidade e, como tal, a questão da violência deve ser vista pela historiografia de forma que contemple essa dimensão. A historiografia não pode ser escrita fazendo uma separação entre aqueles que sofrem e aqueles que fazem sofrer, de forma que se possa localizar onde estão as pessoas boas e as pessoas más. Entrementes, ela deve apontar para o sofrimento e para suas causas, mas sempre estando ciente que uma mesma pessoa ou grupo social possui as duas polaridades.

Fontes citadas

Arquivo da IECLB, Porto Alegre.

BIBLIOTECA da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

ENTREVISTA com Martim Hollander, Hulda Jacob Braun e Cecília Braun, janeiro de 2001.

ENTREVISTA com Walter Sass, dezembro de 1999.

PERDIGÃO, Francinete e BASSEGIO, Luiz. *Migrantes Amazônicos*; Rondônia: A Trajetória da Ilusão. São Paulo: Loyola, 1992.

SCHACH, Geraldo. *O Perigo das Selvas*. In: *Jornal Evangélico*. Porto Alegre: IECLB, ano 87, nº 24, dezembro de 1972. p. 4.

¹¹ Geraldo SCHACH, *O perigo das selvas* (JOREV).